

Centrão pode esvaziar votação final do regimento para provocar atraso

Luiza Marques - 23. Set. 87

Da Sucursal de Brasília



O deputado Bonifácio Andrada

O término da votação das mudanças no regimento interno do Congresso constituinte deverá ocorrer somente no próximo dia 6 de janeiro: os coordenadores do grupo suprapartidário Centrão não garantem a presença de seus integrantes na votação final, que estava prevista para se realizar no dia 4, o que pode provocar o adiamento, por falta de quórum. Os parlamentares do Centrão negam que com isso estejam atrasando proposadamente a conclusão da nova Constituição para impedir a realização de eleições municipais e presidenciais (caso o plenário do Congresso constituinte aprove a redução do mandato do presidente Sarney para quatro anos) em 1988.

"Essa argumentação não tem ne-

nhum conteúdo. E um dos argumentos mais bobocas dos opositores ao Centrão", disse ontem o deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG). Os articuladores do grupo trabalham com a perspectiva de que a promulgação da nova Constituição deverá acontecer em abril. Assim, não haveria dificuldade para a realização das eleições municipais em novembro de 1988, que seria realizada com base na atual legislação. Mas o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) teria de "baixar resoluções" sobre o processo de eleições em dois turnos (caso o mesecanismo seja incluído na nova Constituição).

Apesar de manifestações informais do TSE de que há condições para uma adaptação rápida ao novo sistema, os opositores ao Centrão questionam a intencionalidade dos atra-

tos desencadeados pelo grupo. "Não é nossa intenção adiar as eleições. Apenas se vingar o sistema parlamentarista haverá necessidade uma legislação nova. Caso contrário, o tribunal baixa uma resolução que norteará o processo", afirmou o deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), outro dos articuladores do Centrão.

Outro que reforça esta argumentação é o deputado José Lins (PFL-CE): "Ainda que sejam necessárias adaptações, a Câmara e o Senado podem fazer isso rapidamente". Ele admite, entretanto, dificuldades para a realização de eleições presidenciais, caso o plenário do Congresso constituinte confirme a decisão da Comissão de Sistematização, que reduziu o mandato do presidente José Sarney para quatro anos.

'Centrinho' procura atrair integrantes do grupo

Luiza Marques - 1. Abr. 87

RITA TAVARES

Repórter da Sucursal de Brasília

Pretensiosos, eles se intitulam "grupo do entendimento" do Congresso constituinte. Até o momento, entretanto, a única ação prática desses oitenta parlamentares é minar as bases do Centrão. Mesmo a contragosto, o grupo foi batizado de "Centrinho". Em pouco mais de três semanas e sem um projeto na mão, mais de vinte integrantes do "Centrão" já abdicaram em favor do "Centrinho".

"Nosso grupo foi fruto dessa radicalização dos conservadores", diz o deputado Egidio Ferreira Lima (PMDB-PE). Suprapartidário, o "Centrinho" tem sua maior fatia nos "progressistas" do PMDB. Além da presença do senador Fernando Henrique Cardoso (SP), o líder do partido no Congresso constituinte, senador Mário Covas (SP), estimula a participação de seus vice-líderes no "Centrinho".

A presença dos "progressistas" é contrabalançada pela participação do senador Jarbas Passarinho (PDS-PA) e dos deputados Alceni Guerra (PFL-PR), Saulo Queiroz (PFL-MA) e Ronaldo César Coelho (PMDB-RJ). A ala dos "moderados" é engrossada com as adesões do Centrão. Dos que votaram com a proposta de mudança de regimento, elaborada pelos "conservadores", integram o grupo: Adroaldo Streck (PDS-RS), Chico Umberto (PDT-MG), Mendes Thame (PFL-SP) e Ismael Wanderley (PMDB-RN). "Nós temos que juntar força votante", afirma o senador Fernando Henrique Cardoso, que foi um dos integrantes do ex-grupo "do consenso". A intransigência do Centrão para negociar o término da votação do novo regimento do Congresso constituinte contribuiu para o arremetimento de votos pró-"Centrinho". "É possível romper esse bloco de centro-direita e ganhar os constituintes de centro", diz o senador José Fogaça (PMDB-RS).

O trabalho da Comissão de Sistematização foi conduzido muito mais pelos grupos suprapartidários do que pelos partidos. "Os partidos na Constituinte não existem", afirma Cardoso. "O processo vai se repetir nessa fase de plenário", diz a deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), uma das articuladoras do "grupo dos moderados" e integrante do "Centrinho". Ela faz a "ponte" entre os dois



O deputado federal Egidio Ferreira Lima (PMDB-PE) é membro do "Centrinho"

grupos. "A diferença entre esta fase dos grupos e a anterior é que não temos uma preocupação técnica", afirma Fogaça. Assim, o "Centrinho" pretende ser o "fórum do entendimento" entre as diversas correntes ideológicas do Congresso constituinte. "O grupo não é técnico, porque partiu de questões concretas para administrar e dirimir conflitos polarizados", afirma o deputado Ferreira Lima.

Mesmo tendo constituído oito comissões temáticas para analisar o projeto da nova Constituição aprovado pela Comissão de Sistematização, o "Centrinho" não pretende escrever

um texto alternativo. "Temos de estar abertos a todas as propostas que existem dentro da Constituinte", diz Fogaça. Com a retomada dos trabalhos constituintes, no próximo dia 4 de janeiro, o "Centrinho" promove uma reunião ampla para discutir os pontos que provocam polêmica entre os parlamentares. A lista é previsível. Desde o início das votações da Comissão de Sistematização, poucos assuntos foram excluídos da lista.

"O importante é lapidar soluções que possam ter uma abrangência maior", diz Ferreira Lima. Seguindo

essa orientação, as comissões temáticas serão das em "grupos de conciliação". Uma das principais bases para esta articulação é o projeto "Hércules 4", elaborado pelo grupo dos "moderados", que traça soluções alternativas para a maioria dos pontos conflitantes do projeto constitucional.

Até agora, o "Centrinho" não tem um coordenador. Por ser o mais velho dos membros do grupo, o senador Nelson Carneiro, 77, (PMDB-RJ) preside as reuniões. Mas muitos dos membros do "Centrinho" estão defendendo informalmente a definição de um líder. Uma parcela, entretanto, teme que a decisão provoque uma "crise de ciúmeira" e, conseqüentemente, perdas internas. "São tantos os temas que não se pode ter um líder para tudo", diz Fogaça. Por ser maioria do grupo, o PMDB conquistaria facilmente o posto, pondo em risco o projeto de conciliação. A proposta de isolar os "extremos", a partir de negociações, ficaria ameaçada com o grupo do PMDB gerenciando as conversas.

A confusão entre os objetivos dos peemedebistas do "Centrinho", integrantes também do grupo "histórico" do partido —que vai redigir emendas ao projeto— aumentaria. "O grupo do entendimento tem de se confundir com o PMDB", afirma Egidio, ressaltando, entretanto, que ambos têm identidade própria. Essa é a mesma posição dos senadores Cardoso e Fogaça. "São dois universos diferentes. A coincidência dos integrantes é casual", diz Fogaça.

Os agrupamentos atuam mais do que os partidos

Se o "Centrinho" vai ser eficiente em sua pretensão de conciliação é imprevisível, mas o trabalho de elaboração da nova Constituição foi conduzido, até o momento, pelos grupos suprapartidários. A fragilidade dos partidos políticos foi substituída pela confluência de interesses em torno dos blocos.

A guinada que o Centrão promoveu no Congresso constituinte demonstra a eficácia dos agrupamentos. Descontentes com as regras do regimento interno, parlamentares "conservadores" e "liberais" uniram-se e deram uma estrondosa demonstração de força, infligindo uma derrota aos líderes do PMDB e aos partidos de "esquerda".

Antes, os grupos foram os responsáveis pela elaboração do texto aprovado pela Comissão de Sistematização. A divisão dos constituintes seguiu a orientação ideológica de cada um: a faixa dos "moderados" acrescida de alguns "conservadores" ficou no "Grupo dos 32", que redigiu duas versões do projeto alternativo "Hércules". Mais de 77% do texto foi aproveitado.

As negociações dos "moderados" eram feitas com a ala dos "progressistas", que integravam o "Grupo do consenso". Os partidos de esquerda e os membros do Movimento de Unidade Progressista (MUP) do PMDB reuniram-se no grupo da "esquerda". Mesmo isolado, manteve algumas conversas produtivas com os outros dois grupos.

A primeira articulação dos "conservadores", que acabaria desaguando no "Centrão", foi o grupo dos "cowboys". Durante as votações da Comissão de Sistematização, apesar de repetidas tentativas de organização, o grupo não decolou. A grande fatia do Centrão integrava o "Centro Democrático", um ajuntamento de parlamentares que seguia a orientação do Palácio do Planalto. Depois de brigas internas, o "Centro" perdeu fôlego e poder de fogo.

(RT)